

Depois do Vendaval

A queda das cotações do dólar comercial no mercado à vista a menos de R\$ 1,90 é prova concreta de que a economia brasileira já começa a respirar num ambiente psicologicamente bem mais promissor. Há uma semana o dólar comercial chegou a encostar nos R\$ 2,25. A mudança de perspectiva está ligada à posse da nova diretoria do Banco Central e à definição do acordo com o Fundo Monetário Internacional.

O crédito internacional começou lentamente a ser reaberto para o financiamento das exportações. Isso ocorreu depois que o novo presidente do Banco Central anunciou quinta-feira, por ocasião da sua posse, a disposição de usar os recursos do FMI para acelerar essas operações que estavam paradas por absoluta retração do crédito externo.

A retomada do comércio exterior, com aceleração das exportações pelo estímulo da nova taxa cambial e a forte inibição das importações, seria o principal fator para recompor o fluxo cambial e ajudar a equilibrar um pouco mais o jogo da oferta e procura de dólares no mercado de câmbio. No momento, com a não renovação das operações de empréstimo e de emissão de eurobônus pelo setor privado, além dos juros e amortização da dívida externa do Tesouro Nacional, o desequilíbrio é total.

Enquanto o país ficou quase 40 dias sem direção no Banco Central e sem perspectiva de acordo favorável com o FMI, as cotações do dólar subiram ao sabor das pressões compradoras e das especulações de bancos que apostaram no pior, contra o Brasil. A partir do

enunciado da política do Banco Central, o ambiente começou a mudar.

Pressentindo a queda das cotações, que devem fechar o ano em R\$ 1,70, de acordo com o acertado com o FMI, vários bancos se apresentaram em vender dólares. O que permitiu o recuo do dólar e o começo da reversão das piores expectativas inflacionárias.

Como alfinetou em seu longo discurso na transmissão oficial do cargo o ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, muitos setores da economia pareciam estar convencidos de que a estabilização da moeda experimentada pelo Brasil nos últimos cinco anos não era para valer, e não resistiram à primeira oportunidade de remarcar preços, diante da debilidade da moeda aceita pelo governo.

A recuperação da credibilidade será mais difícil, árdua e exigirá muito mais sacrifícios de todos. Mas o recuo do dólar nos últimos três dias úteis revela sinais auspiciosos de que o vendaval está passando e isso, certamente, há de se refletir nos demais preços da economia.

Com a aprovação da CPMF, que garante quase metade do ajuste fiscal prometido ao FMI, o governo recupera um mínimo de autoridade para, ao explicar os detalhes do acordo à banca internacional, exigir reciprocidade na reabertura dos financiamentos ao país, que é fundamental para derrubar os juros e espantar a recessão e o desemprego.

A estabilidade pode não ter sido apenas um bom sonho e pode voltar a ser real, sem que o país continue se sentido como se tivesse acordado em meio a um pesadelo.